



A APRENDIZAGEM DOS SABERES EM SUA ESTRUTURA COMUNICATIVA COMO EXIGÊNCIA DE UMA FORMAÇÃO EMANCIPADORA.¹

José Pedro Boufleuer². UNIJUI

Propomo-nos aqui a analisar as possibilidades de uma formação emancipadora em sua articulação com possíveis modos de compreender o tema da racionalidade. Para isso buscamos, num primeiro momento, os nexos entre a questão da racionalidade e a educação, situando a demanda desta última a partir do diferencial que caracteriza os humanos em relação às demais espécies animais. Esse diferencial, que chamamos de razão, permite a nossa condição de seres culturais e sociais, para cuja perpetuação e renovação a educação envida seus esforços em escala proporcional à da complexificação da vida humana. Num segundo momento situamos a questão da emancipação na forma como na modernidade aparece vinculada à razão subjetiva e auto-referente, cujas manifestações práticas ensejam um redimensionamento desse ideal em perspectiva intersubjetiva. Segue-se, num terceiro momento, uma argumentação em favor de uma racionalidade comunicativa, de caráter intersubjetivo e em sentido pós-metafísico, como via de sustentação de um possível caráter emancipatório da educação. Enquanto que o pensar metafísico supõe algum sentido previamente posto, de certa forma anterior ao que constitui a experiência humana neste mundo, o pensar pós-metafísico assume o pressuposto de que a vida humana e a sociedade não possuem algo como um sentido “posto”, mas tão-somente “proposto”. Assume-se aí, com toda a radicalidade, a ausência de fundamentos últimos que deveriam ser encontrados, bem como sentidos a serem buscados para além daqueles que nós mesmos somos capazes de estabelecer. A racionalidade comunicativa, por sua vez, assume o pressuposto de que a linguagem constitui a marca antropológica por excelência, sendo ela a condição indispensável para nós nos percebermos como sujeitos de conhecimento. Entende-se, aí, que a dimensão do “saber que se sabe” só é alcançável pela mediação do outro, por algo como uma aprovação ou desaprovação diante de alguma manifestação que fazemos. Essa certificação que o outro nos confere, e que tendemos a buscar nos demais indivíduos com quem estamos ou interagimos, constitui o princípio de tudo o que temos como conhecimento. É também esse outro, com seu “sim” ou “não”, que nos motiva e impulsiona na direção do incremento do conhecimento, o que buscamos através de novas aprendizagens. Num quarto momento argumentamos que a percepção do conhecimento na ótica de uma racionalidade comunicativa, articulada com um pensar pós-metafísico, sugere que a dinâmica de ensinar e de aprender se pautem na própria estrutura comunicativa dos saberes. Ou seja, que a abordagem de um conhecimento com vistas a sua aprendizagem considere o próprio percurso comunicativo que está na base de sua pretensa validade. Conteúdos culturais podem se apresentar sob a forma de conceitos, técnicas, valores, regras de convivência ou modos de ser. Seu aparecimento em meio aos currículos escolares se dá com base em justificativas e percepções acerca de sua validade. Sua aprendizagem só pode ocorrer mediante o acesso a essas justificativas e mediante o desenvolvimento de convicções pessoais acerca de sua validade ou pertinência. Aprender, nesse sentido, consiste em compreender razões. Isso sugere um percurso didático capaz de identificar as situações-problema que desencadearam processos comunicativos ou discursos



que, por sua vez, resultaram nos conceitos, técnicas, valores ou regras ora propostos como conteúdos de aprendizagem. Por fim, afirmamos que o sentido da emancipação emerge das condições éticas de reconhecimento recíproco que se fazem presentes no decorrer do processo educativo, o que significa que os fins da educação devem estar implicados nos seus meios.

¹ Projeto de pesquisa realizado no curso de Mestrado em Educação nas Ciências

² Professor do Departamento de Pedagogia e Curso de Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUÍ